

*A Escola e a Sexualidade: por que Negar o Prazer?**

Elizeu dementino de Souza

Universidade Federal da Bahia (UFBa)

Este trabalho é resultado da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, com o propósito de verificarmos o porquê da abordagem fragmentada da sexualidade na prática pedagógica e seus reflexos em relação à formação do educando, possibilitando-nos identificar e analisar os princípios que respaldam o papel da escola, da família, da Igreja, dos meios de comunicação e outros na introjeção de valores que reforçam a negação do desejo e a deserotização dos sujeitos no cotidiano.

Nossa pesquisa tem como meta investigar as relações entre "sexualidade e educação", cujo propó-

sito é indagar as relações pertinentes à educação sexual dos jovens baianos' e a concepção destes sobre a sexualidade, com base na construção cotidiana, no que concerne aos valores expressos nos discursos sexuais, a ideologia, os julgamentos morais e o conhecimento sexual.

Epistemologicamente buscaremos entender a construção da sexualidade e do discurso extrojado ou não, partindo de referenciais básicos, tais como: a ideologia sexual, os julgamentos morais, o conhecimento objetivo sobre a sexualidade, a formação do conhecimento sexual, o grau de conhecimento atual da educação sexual, o canal de informação ou as fontes de

* Trabalho apresentado na 18ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), realizada em Caxambu-MG, no período de 17 a 21 de setembro de 1995. ¹ Entende-se por "jovem baiano" os sujeitos pesquisados do 1º ano do 2º grau, do Colégio Central, representando a nossa amostra.

aprendizagem sexual e os valores simbólicos pertinentes à sexualidade e outros adotados como variáveis que subsidiaram a pesquisa.

O cerne epistemológico que norteou o objeto desta investigação foi o paradigma foucaultiano do "poder-saber", porque o mesmo nos possibilitou analisar, a partir do "micropoder", os valores subjacentes aos discursos sexuais, diante do papel exercido pela família, pela Igreja e pela escola, no que tange ao poder disciplinar exercido sobre o corpo, logo, sobre a sexualidade.

Assim, trabalhamos com as categorias analíticas do "micropoder", do "disciplinamento" — "poder disciplinar" — e do "dispositivo de sexualidade", com o objetivo de inter-relacionar os "discursos enunciativos" dos sujeitos entrevistados com as posições teóricas de Michel Foucault.

Ao pesquisar os referenciais e as variáveis, procuramos entender os mecanismos inerentes à educação sexual, com base nas relações entre corpo-poder-saber e suas correlações com o disciplinamento, delimi-

tando o papel da educação na formação do cidadão e, conseqüentemente, a utilização do corpo como alvo e objetivo do poder-saber.

Nossa pesquisa teve como espaço empírico ou campo de estudo e investigação o Colégio Estadual da Bahia — Central —, pois o mesmo se apresenta como um espaço plural no que diz respeito à síntese das experiências culturais, conforme suas múltiplas possibilidades de manifestações dos valores da sexualidade, e teve como sujeitos epistemológicos os alunos da 1ª série do 2º grau, do turno noturno, do ano de 1993. A referida instituição dispõe de 21 turmas da 1ª série do 2º grau, dentre as quais selecionamos os sujeitos do estudo, objetivando, a partir da amostra, detectar as diferentes formas de representação da sexualidade diante de sua construção cotidiana e simbólica da mesma.

Não demos prioridade, neste trabalho, a um levantamento quantitativo do despertar da sexualidade no jovem baiano, nem ao índice de gravidez na juventude, às práticas sexuais dos jovens, à primeira

menstruação, ao aborto, às perversões sexuais. Isto porque nosso objeto de estudo não se centra numa abordagem fisiológica nem genética da sexualidade no seu estado natural. Nossa investigação centra-se na perspectiva epistemológica de compreensão das representações sexuais e as conseqüentes buscas do prazer e do desejo diante das necessidades humanas, e de como o capitalismo apropria-se da sexualidade nos seus diferentes momentos históricos, apropriando-se do corpo, para torná-lo dócil e útil.

A princípio, esta proposta tem como meta desmistificar a biologização da sexualidade e pesquisar os entraves pertinentes do desejo sexual, buscando entender a subjacência biológica do comportamento sexual na sociedade moderna. Objetivamos relacionar sexualidade e educação, adotando como paradigma o "dispositivo de sexualidade", do ponto de vista de Foucault, correlacionando-o com o poder-saber, com o disciplinamento, Concomitantemente, com a exploração do corpo como alvo do poder-saber.

A prioridade para a investigação das relações entre sexualidade e educação concentra-se na análise das representações que os jovens têm da sexualidade, através da dinâmica social, dos discursos e das relações travadas entre a escola e a família, que prega a falácia da sobrevivência da espécie, por meio da reprodução — sexo lícito — e a tradução da biologização da sexualidade como paradigma sociocultural. Entender a *sexualidade* como criação do espírito humano, como produto de forças sociais e históricas, como uma "unidade imaginária" é a meta desta pesquisa.

Se a sexualidade também é o resultado de uma elaboração histórica e social, não somos ingênuos a ponto de afirmarmos que a biologia, a fisiologia e a morfologia do organismo devem ser esquecidos, vez que é sobre eles que estabelecemos as condições e os princípios da sexualidade humana. A biologia não cria os princípios da nossa existência sexual, ela condiciona e delimita aquilo que é provável e possível.

O postulado que favorece a compreensão do objeto da nossa

investigação é a dimensão cultural e histórica da sexualidade, a qual tem sua base na concepção histórica do corpo e do sistema de *valores* de cada sociedade, articulado ao poder, que dá forma e preestabelece paradigmas para a compreensão desse fenômeno subjetivo que é a erotização.

O enfoque metodológico está ancorado na "pesquisa etnográfica". Para tanto utilizamos variáveis que conduziram nossa investigação, no sentido de detectar e categorizar os pontos básicos das representações da sexualidade por parte dos jovens, tais como:

— *O despertar da sexualidade, interação, forma e conteúdo.*

— *Comportamento verbal e não-verbal.*

— *Grau de conhecimento e desenvolvimento sexual.*

— *Enfoque biologizante da sexualidade.*

— *Ideologia sexual, julgamentos morais e educação ou formação sexual.*

Ao analisarmos os discursos sexuais dos jovens e, concomitantemente, percebemos os valores subjacentes aos mesmos, procura-

mos detectar através do dito e do não dito, ou seja, "da história de vida" de cada sujeito da investigação os elementos que caracterizam a construção da sexualidade na vivência social do homem.

Quanto à operacionalização metodológica, afirmamos que, a princípio, aplicamos um questionário fechado, de junho a dezembro de 1993, às 21 turmas do 1º ano do 2º grau do turno noturno, totalizando 1.129 alunos matriculados no Colégio Central. Do total de alunos matriculados em 1993, constatamos que 40% se evadiram, 10% foram transferidos, 10% abandonaram o colégio e 40% concluíram o ano letivo.

Com base referencial nos 40% de alunos que permaneceram na escola, é que começamos a realizar a pesquisa, aplicando 500 instrumentos fechados, dos quais apenas 127 foram devolvidos, servindo de suporte para construirmos o perfil dos sujeitos entrevistados e levantarmos as questões que subsidiaram as entrevistas abertas.

Embora estivéssemos trabalhando com a metodologia etnográfica, o instrumento fechado teve

sua importância metodológica inicial, pois objetivava aproximar o pesquisador dos sujeitos pesquisados, bem como abordar questões gerais acerca da sexualidade e da identificação da clientela, a fim de que pudéssemos categorizar e descrever as variáveis emergentes da investigação.

A organização e a operacionalização das entrevistas abertas nasceram a partir das questões coletadas no instrumento fechado e da tentativa de demarcar os capítulos da referida dissertação, com o objetivo de pesquisarmos etnograficamente as variáveis básicas da investigação.

Quanto aos dados coletados, foram analisados em dois momentos: o primeiro, que se caracteriza pela categorização apresentada pela clientela a partir do instrumento fechado — questionário — e o segundo, que objetivava levantar os valores subjacentes aos discursos sexuais dos sujeitos pesquisados, em torno do papel da família, da Igreja, da escola, das concepções de sexo, sexualidade, prazer, dos estereótipos dos papéis

sexuais e do comportamento sexual do jovem hoje, demarcando, assim, as variáveis centrais da investigação.

No processo da investigação identificamos, nos discursos dos sujeitos entrevistados, valores herdados pela Igreja, pela família, pela escola e pelos meios de comunicação, que determinam as representações sexuais vivenciadas pelos indivíduos no cotidiano. Conseqüentemente, nesta pesquisa, foi através dos "discursos enunciativos" que os dogmas, os preconceitos, os costumes e as posturas sexuais se evidenciaram em função da multiplicidade dos elementos discursivos. Nesse sentido,

"... por essa mesma razão, deve-se conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função táctica não é uniforme nem estável. Mas, precisamente, não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o dominante e o dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em

estratégias diferentes (...) os discursos como silêncios nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem apostos a ele. E preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mima, expõe, debilita e permite borrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão a guarida ao poder, fixam suas interdições, mas, também, afrouxam seus laços e dão margem à tolerância mais ou menos obscura..." (Foucault, 1988a, p.95-96).

Assim, é através dos discursos que os jovens introjetam valores que reforçam a negação do desejo, o medo do sexo, a recusa ao prazer, a redução à genitalidade, tudo em função das interdições vinculadas desde a mais tenra idade pela família, Igreja e, mais tarde, no processo de socialização da criança, pela escola e pelos meios de comunicação.

A análise dos valores subjacentes aos discursos sexuais deuse em função da leitura minuciosa e estratégia entre o poder-saber, o micropoder e o disciplinamento extrojeto nas representações vivenciadas pelos sujeitos nos seus diferentes momentos históricos. Evidencia-se que

"... os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas. Não se trata de perguntar aos discursos sobre o sexo, de que teoria implícita derivam, ou que divisões morais introduzem, ou que ideologia — dominante ou dominada — representam; mas, ao contrário, cumpre interrogá-los nos dois níveis, o de sua produtividade tática (que efeitos recíprocos de poder e saber proporcionam) e o de sua integração estratégica (que conjuntura e que correlação de forças tornam necessária sua utilização em tal ou qual episódio dos diversos confrontos produzidos)..." (Foucault, 1988a, p.97).

O discurso com sua "produtividade tática" e "sua integração estratégica" tem definido mentalidades cuja referência básica são os valores que identificamos no processo da investigação. Entender o corpo como alvo e objeto de investimentos imperiosos através da docilização, do controle, das delimitações, das proibições, das sanções e das obrigações, como forma de vigiá-lo e puni-lo, com o objetivo de discipliná-lo, tem sido a estratégia política do poder-saber.

A propósito,

"... o momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente ao aumento de suas habilidade, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se, então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder

que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma 'anatomia política', que é também igualmente uma 'mecânica do poder', está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'..." (Foucault, 1989, p. 127).

No que tange à educação formal e seu papel em relação à docilidade e ao controle do corpo, salientamos que,

"... a escola, em primeiro lugar, cuida do controle; não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica — movimentos, gestos, atitudes, rapidez; poder infinitesimal sobre o corpo ativo. O objeto, em seguida, do controle; não, ou não mais, os elementos significativos do

comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício. A modalidade, enfim, implica uma coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado, e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as 'disciplinas'..." (Foucault, 1989, p. 126).

Ao cuidar do corpo, controlando-o, a escola busca dessexualizar os indivíduos; isso ocorre com tanta frequência que os sujeitos entrevistados chegam a afirmar que a escola não trabalha em nenhum momento com a sexualidade, porque os professores são despreparados, porque "acham que somos adultos e que não precisamos de

informações sobre o sexo". Avançando nos discursos, os jovens pesquisados afirmam que a "escola deveria trabalhar com a sexualidade", mas não "sabemos por que no Central isso não acontece", "acho que é porque o diretor não quer", ou "porque a Secretaria de Educação não definiu".

Diversos são os equívocos manifestados nos discursos dos entrevistados, que, pelo fato de a escola — turno noturno — não assumir uma proposta educativa que dê prioridade à conscientização, mesmo que seja dos aspectos concernentes à abordagem biológica e genética da sexualidade humana — coito, gravidez, ejaculação, doenças sexualmente transmissíveis e outras —, para os alunos, a sexualidade passa despercebida pela instituição escolar. Em princípio, compreendemos que

"... a ação do educador, que visa proibir as manifestações sexuais dos adolescentes, pode ser explicada totalmente pelas exigências contingentes de natureza social? Na sociedade burguesa ocidental, os jovens são obrigados, por razões

econômicas, a atingir uma idade avançada para poderem se casar e ter relações sexuais; a educação, então, deve se esforçar para inculcar-lhes paciência. Mas isto justifica que, para atingir tal fim, a sexualidade seja objeto de uma condenação moral de que os adolescentes não passem ao ato que se lhes proíbe até mesmo o pensamento, e que tudo o que se refere à sexualidade seja condenado..." (Milot, 1987, p. 15).

Assim, valores como docilidade, submissão, subserviência e obediência são perpassados e introjetados pelos indivíduos, tendo como finalidade precípua a preparação para o matrimônio. Nesta perspectiva,

"... a família e a escola, com efeito, não são nos nossos dias, de um ponto de vista político, senão oficinas da ordem social burguesa, destinadas à fabricação de pessoas ajuizadas e obedientes..." (Reich, 19-, p.97).

A obediência e, conseqüentemente, o "disciplinamento" e a "docilidade" são evidenciados quando, investigando as relações entre a família, a Igreja e a sexua-

lidade, os jovens pesquisados afirmam que o papel fundamental exercido pela família centra-se na exigência da preparação para o matrimônio, com base no sexo lícito e monogâmico. Tende-se, nesse momento, a enfatizar a reclusão ao prazer, a negar a sexualidade infantil, o diálogo, salientando a desinformação, o medo, os tabus e preconceitos em torno da sexualidade sem culpabilidade. Nesse sentido,

"... o matrimônio é o único espaço onde o exercício da sexualidade é consentido e considerado lícito, seja pelas autoridades religiosas ou pelas civis. Isto significa que a sexualidade pré-matrimonial ou extramatrimonial é proibida, e quem a pratica é censurável. O matrimônio, portanto, contribui fortemente para manter vivo o sentimento de culpa em todas aquelas pessoas que, de um modo ou de outro, conseguem ou procuram conseguir uma satisfação sexual fora dos seus limites. E seu número é extraordinário. O matrimônio realmente merece ser designado como o mais eficaz meio de culpabilidade das massas..." (Bernardi, 1985,p.97).

Convém salientar que a relação sexo-culpabilidade e todos os binômios que giram em torno do corpo (corpo-alma, prazer-pecado, carne-concupiscência e outros), no que se refere à sexualidade, são impregnados de valores tidos como vergonhosos. Ora, o que a linguagem religiosa vem definindo e pregando como "carne" vem determinar mentalidades e suas representações, que negam qualquer possibilidade de reconstrução da dita "sexualidade normal". Assim, convém salientar que

"... na linguagem religiosa corrente usa-se muito frequentemente a palavra 'carne' para fazer referência à sexualidade. E não por acaso. Ninguém faz objeções particulares contra os pés, o pâncreas, as carótidas ou o nariz, nem contra suas funções. Tanto o cidadão comum como o fiel fervoroso podem tranquilamente caminhar, digerir, consentir no afluxo de sangue para o cérebro e cheirar uma flor. Mas no que toca à sexualidade a coisa é ou-

tra. Aliás, observe-se bem, a coisa é outra em tudo que pode relacionar-se com a sexualidade. Não estamos falando especialmente dos órgãos genitais, por séculos definidos como 'vergonhosos', mas também da pele, da boca, da língua, dos cabelos, das coxas, do traseiro, do peito, todos pontos extremamente suspeitos, cujas funções são preocupantes. A carícia e o beijo, para não falar de outros contatos eróticos menos suaves, constituem ofensas à Lei do homem e à Lei de Deus..." (Bernardi, 1985, p.61).

Retomando a discussão apresentada anteriormente acerca do papel da escola, do controle, do disciplinamento exercido por ela, e da dessexualização dos indivíduos na prática pedagógica, afirmamos que diferentes pesquisadores² têm buscado construir propostas pedagógicas sobre Educação Sexual, partindo do princípio da orientação e/ou da informação sobre os aspectos biológicos e discutindo as relações da sexualidade em face dos

²Diferentes pesquisadores têm sistematizado propostas de educação sexual, tais como: Fucs (BA), Matarazzo (SPX Caridade (PE), Castro (SP), Ribeiro (RJ), Kcling (RS), Suplicy (SP), Millet (BA) e outros.

aspectos sociais, embora esses pesquisadores, em sua grande maioria, venham reforçando a biologização do entendimento da sexualidade humana, o que, para nós, é uma tendência fragmentada e reducionista.

Ao apresentar uma proposta de educação sexual, Caridade levanta algumas considerações em relação ao "que fazer em sala de aula? Como passar para as crianças informações positivas e necessárias sobre sexo?" Para o referido autor, sexualidade é

"... a dimensão mais prazerosa do indivíduo e, também, a que causa maior número de preocupação, sobretudo nos setores da sociedade onde estão em formação as crianças e os jovens: a família e a escola. Nosso maior desafio é ajudá-los a expandir seu potencial e não impedir os movimentos que a natureza sabe realizar em direção ao bem-estar, ao prazer, à felicidade..." (Caridade, 1993, p. 164).

Faz-se necessário refletirmos um pouco sobre a "positividade do sexo se não vivemos satisfatoriamente?" Devemos questionar que valores e quais posturas estamos assu-

mindando diante da vida, dos educandos e da "moral sexual", que introjetamos e vivenciamos no cotidiano. Será que nós, educadores, estamos preparados para trabalhar com as crianças e os jovens sobre a sexualidade? Que concepções temos de sexo, sexualidade e prazer? Como poderemos desmistificar a biologização articulada à sexualidade?

Transcrevo as palavras de Amparo Caridade (1993, p. 173), pois acredito que este seja o caminho:

"... coloco estas questões em primeiro lugar porque acho difícil transmitir uma dimensão positiva do sexo se não se vive essa experiência; se teve sua educação sexual entravada, bloqueada, distorcida ou negada. Penso que a vivência da sexualidade é um direito inalienável do ser humano. Daí ser necessário, portanto, que o professor faça sua busca nesse sentido, questionando-se, revolucionando-se pessoalmente, atrevendo-se a ser feliz, ousando viver com prazer. Muitas vezes, isso supõe uma terapia que nem sempre os salários permitem, mas é preciso não abrir mão do direito de conquistar a

melhoria da qualidade de sua sexualidade e do seu prazer..."

Avançando, Caridade (1993, p. 173) relaciona os textos didáticos utilizados no cotidiano escolar e a sexualidade, questionando

"... se os textos didáticos, aparentemente inocentes e inofensivos, mas seguramente assexuados, deverão continuar a ser utilizados em sala de aula. Esse fato é tão gritante na realidade dos colégios, que na pesquisa de Nosella sobre *As Belas Mentiras — A Ideologia Subjacente aos Textos Didáticos*, a autora nem sequer faz referência à questão da sexualidade. Ou seja, os textos são absolutamente assexuados (...) A isso, podemos acrescentar que a dessexualização dos textos faz parte dessa visão idealizada. Os textos didáticos deverão ser o primeiro alvo de nossa reflexão e de nossa ação criativa (...) Por exemplo, um texto sobre família, que a apresenta como um conjunto de felicidade e união entre todos os seus membros, a criatividade do professor pode subverter esta 'cas-

ta imagem' e mostrar que, sem uma vida sexual satisfatória, são impossíveis tanto o equilíbrio como o bem-estar. Assim, cada leitura crítica feita ao texto didático poderá dar margem à engenhosidade do professor nos mais variados temas de vida e de sexualidade..."

A possibilidade de minar as mentalidades e representações assexuadas e amorfas da sexualidade dos indivíduos passa inicialmente por uma definição de uma política educacional que entenda a educação sexual como elemento mediador de equilíbrio, bem-estar e prazer do homem, tendo como princípio a concepção de um novo homem e de uma nova sociedade, onde a sexualidade seja encarada como a totalidade do homem e não mais reduzida à genitalidade, porque somos muito mais que pênis e vagina.

Os sujeitos entrevistados no processo da pesquisa entendem que nas escolas deveriam acontecer trabalhos que abordassem os assuntos relativos ao sexo, pois é um fator fundamental; assim, Mara³ conclui que

¹ Os nomes utilizados são fictícios e representam sujeitos pesquisados no espaço empírico.

"... eu só acho que a educação, a Secretaria de Educação deveria se preocupar mais com esse fator, que é fundamental, o fato do sexo, da sexologia nas escolas, tanto do primeiro quanto do segundo grau; porque isso existe, está aí, qualquer pessoa sabe, qualquer criança sabe disso e deveria ter instrução sobre isso. Você vê jovens adolescentes de 15,13, 14 anos grávidas, porque não têm instrução; a escola acha um escândalo e não é escândalo, tem que se encarar essas coisas com naturalidade..."

Reforçando o discurso e os valores disseminados pela família, Igreja e escola, estão os meios de comunicação, em especial a televisão, apontando duas perspectivas antagônicas: uma que possibilita às crianças poderem conviver com uma sexualidade menos contida, reprimida e sublimada, e até aprender novas formas de amor, e outra que trabalha com base na moralidade e nos parâmetros hegemônicos de uma sexualidade que reforça todos os valores patriarcais e burgueses. Assim, a ética e os valores perpassados pela

televisão tendem a acentuar e a docilizar os indivíduos, em torno das múltiplas manifestações sexuais. Nesse sentido,

"... a TV se alimenta também na fonte da moralidade sexual mais tradicional da sociedade brasileira, no ideal de família que reproduz modelos de masculinidade e feminilidade, atividade e passividade, opressão e submissão. Como disse Muniz Sodré, na TV 'subjaz a idéia clássica da família patriarcal como *pater familias*, o centro da esfera de decisões, comandando filhos, mulheres, agregados, servos. Se no real histórico já desapareceu a multifuncionalidade da família patriarcal, ela permanece no nível do imaginário, como matriz simbólica da narrativa popular de maior consumo no Brasil de hoje, a telenovela'. Para o pesquisador, o velho imaginário da família patriarcal superpõe-se a outros conteúdos 'modernos' que a telenovela foi incorporando, acompanhando as transformações na família: descasamentos, liberdade sexual, gravidez indesejada etc. ..." (Simonetti, 1993, p.83-84).

Como síntese do nosso trabalho, podemos afirmar que as representações extrojadas no nível lingüístico, através dos discursos e dos comportamentos sexuais dos jovens, estão longe de, efetivamente, construírem uma nova forma de vida, onde sexualidade e prazer estejam inter-relacionados. Constatamos essa afirmativa nos diferentes momentos que vivenciamos no campo investigado, observando os sujeitos da pesquisa, convivendo com eles e levantando as concepções sobre sexo, sexualidade, educação, prazer, estereótipos dos papéis sexuais, influências da família, da Igreja e da escola sobre a sexualidade e, conseqüentemente, sobre o comportamento sexual dos jovens, hoje, que traduzem valores biologizantes, tabuizados e subservientes.

Optamos em concluir este trabalho com alguns discursos dos sujeitos entrevistados acerca do comportamento sexual dos jovens, com o objetivo de salientarmos os princípios apresentados e discutidos durante a pesquisa. Para a maioria dos jovens, o comportamento e as representações sexuais vivenciadas

por eles são tidas como "avançadas", porque os jovens hoje "fazem sexo de qualquer jeito", ou "talvez as pessoas estejam vivendo o sexo como coisa mecânica"; porém isso não significa que os jovens estão conscientes, porque em nenhum momento eles refletem e buscam compreender os mecanismos de poder e de saber sobre o corpo e o prazer, que subjazem à sexualidade. Assim, Mara diz que

"... o comportamento sexual do jovem hoje está mais avançado. Antes era 'mamãe-papai', beijinho e abraço. Tudo que vivi foi diferente, o de hoje não combina comigo, é muito forte, muito ousado, avançado, é muita porcaria, mais fácil de pegar doenças (tanto o oral, quanto o anal), eu não pratico. O comportamento de hoje é muito avançado e prejudicial, os jovens hoje fazem sexo de qualquer jeito para satisfazer o desejo sexual, porque falam que é bom fazer, que acham bonito alguém fazendo, às vezes fazem e nem sabem o que e por que estão fazendo. Isso não é liberdade, é ousadia, falta de entendimento, descaração..."

Para Carlos, os jovens hoje estão

"... muito liberais, hoje em dia está todo mundo esclarecido, para qualquer tipo de sexo, sexo oral, posições que antes a sociedade considerava um escândalo, mas que hoje em dia passa por uma coisa normal. O jovem transa por transar, não tem consciência; em relação aos jovens de hoje, eles só querem usar suas parceiras e pronto, sentiu prazer deixa tudo acontecer normal, depois terminam por ali, estão transando mais..."

José acredita que o avanço e a liberdade se traduzem na evolução, ou seja,

"... hoje está mais evoluído. Antigamente o homem casava com a menina só daqui a seis meses; hoje já se vêem antes de casar, transam antes de casar, está mais avançado. Antigamente o homem quando via uma mulher, endurecia o pênis; hoje a mulher está nua e o homem não sente nada, porque eleja conhece as partes todinhas delas, eu creio que isso seja importante porque antigamente o povo só se interessava mais em fazer filhos, não se importava

com prazeres. Na verdade eles sentiam vontade de fazer o filho, não tinha aquela parte mais gostosa que acontece hoje, a putaria, a sacanagem. Antigamente não tinha isso, e só se preocupava em montar e fazer o filho. Para ele era ótimo. Hoje faz sacanagem, tem coisas novas..."

Corroborando a posição de José, Genival conclui que

"... os jovens estão transando mais do que antigamente por causa da evolução. Acho que é isso, a evolução da adolescência, do jovem. Não, o jovem não está consciente porque você vê aí tanto filho sem pai, adolescente de barriga. Essas meninazinhas não sabem o que fazem, tudo com fogo, não sabem o que realmente significa sexo e dá nisso aí..."

Nesse sentido, o avanço, a liberdade e a evolução no nível prático não significam necessariamente que os jovens estejam conscientes acerca da sexualidade. Observamos os paradoxos nos próprios discursos apresentados por eles, quando dizem que a prática desenfreada, inconseqüente e ousada é "falta de entendimento, descarção", ou seja, os jovens homens

"só querem usar suas parceiras e pronto", "hoje tem sacanagem, tem coisas novas".

Nesse momento final, urge a necessidade de retomarmos um discurso inicial e, com base no discurso enquanto categoria do poder-saber, do disciplinamento e do adestramento e docilização do corpo e da sexualidade, concluir nosso trabalho tomando as palavras de Foucault (1988a, p.34-35), ao afirmar que

"... desde o século XVIII o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício; criaram-se em todo canto incitações a falar; em toda parte, dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular. Desenfurnam-no e obrigam-no a uma existência discursiva. Do singular imperativo, que impõe a cada um fazer de sua sexualidade um discurso permanente, aos múltiplos mecanismos da justiça que incitam, extraem, organizam e institucionalizam o discurs-

so do sexo, foi imensa a prolixidade que nossa civilização exigiu e organizou. Talvez nenhum outro tipo de sociedade jamais tenha acumulado, e num período histórico relativamente tão curto, uma tal quantidade de discurso sobre o sexo. Pode ser, muito bem, que falemos mais dele do que de qualquer outra coisa: obstinamo-nos nessa tarefa; convencemo-nos por um estranho escrúpulo de que dele não falamos nunca o suficiente, de que somos demasiado tímidos e medrosos, que escondemos a deslumbrante evidência, por inércia e submissão, de que o essencial sempre nos escapa e ainda é preciso partir à sua procura. No que diz respeito ao sexo, a mais inexaurível e impaciente das sociedades talvez seja a nossa..."

Referências bibliográficas

ABRAHAM, Tomas et al. *Foucault e la ética*. Buenos Aires: Letra Buena, 1992.

BERGER, D., LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1991.

- BERNARDI, Marcello. *A deseducação sexual*. São Paulo: Summus, 1985.
- CARIDADE, Amparo. A educação sexual nas turmas de 1^a a 4^a séries do I^o grau. In: RIBEIRO, Marcos. *Educação sexual*. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1993. p.163-176.
- CASEY, James. *A história da família*. São Paulo: Ática, 1992.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1991.
- DELEUZE, Giles, GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1985.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. 4.ed. São Paulo: Global, 1984. (Coleção base, 45).
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- História da sexualidade I. a vontade de saber*. 10.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988a.
- História da sexualidade II. o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1988b.
- História da sexualidade III. o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1988c.
- Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- _____ *Microfísica do poder*. 9.ed. Rio de Janeiro: Global, 1990.
- GUATTARI, Félix. *Micropolítica: cartografia do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HELLER, Agnès. *Cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura. um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

- lógico. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- LOWEN, Alexander. *Prazer, uma abordagem criativa da vida*. Tradução por Ibáñez de Carvalho Filho. São Paulo: Summus, 1984.
- LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagem qualitativa*. São Paulo: EPU, 1991.
- MILLOT, Catherine. *Freud: anti-pedagogo*. [S.l.], 1987. p. 15.
- REICH, Wilhelm. *A análise do caráter*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____ *A função do orgasmo*. S.ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.
- _____ *A revolução sexual*. &.ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.
- _____ *O combate sexual da juventude*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.
- _____ *Psicopatologia e sociologia da vida sexual*. São Paulo: Global, [19--].
- RIBEIRO, Marcos (Org). *Educação sexual, novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- SIMONETTI, Cecília. *Mercado de paixões, a influência da mídia no comportamento sexual infantil*. In: RIBEIRO, Marcos (Org). *Educação sexual: novas idéias, novas conquistas*. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1993. p.83-84.